

## VIOLÊNCIA

# Rede lança mapa de atendimento a vítimas

*A REDE DE ATENÇÃO A MULHERES, CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA, CRIADA EM 2000 COMO UMA ARTICULAÇÃO DO FÓRUM GOIANO PELO FIM DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL E DO FÓRUM GOIANO DE MULHERES, ESTÁ FORTALECENDO A SUA AÇÃO LANÇANDO UM MAPEAMENTO COMPLETO DE ATENDIMENTO E PROCEDIMENTOS EM CASO DE VIOLÊNCIA NO MUNICÍPIO DE GOIÂNIA.*

Maria José destaca que é importante preparar as profissionais que atuam nesse campo. “É preciso saber respeitar a individualidade de cada vítima, estar preparada/o para isso”, diz ela. E uma das formas de capacitar essa gestora de saúde são os cursos de formação. A Rede já realizou dois e agora está com um projeto de supervisão dos profissionais que já passaram pela formação.

Para a coordenadora do Fórum, não basta apenas incentivar a denúncia. É preciso entender que a vítima de violência, seja ela mulher, adolescente ou criança, muitas vezes tem uma dependência financeira do agressor, ele é o provedor da casa. Então para livrar-se desta situação é preciso criar condições estruturais para que essa vítima tenha meios de sobreviver. Neste caso, entram as instituições que possibilitam uma assistência efetiva às vítimas. Além disso, é preciso investir

em políticas públicas para não criar apenas soluções paliativas.

Uma parceria importante da Rede é a Secretaria Municipal de Saúde. Por meio dos CAIS (Centro de Atendimento Integral à Saúde), dos Centros de Referência e Apoio Diagnóstico, dos CIAMS (Centro Integrado de Assistência Médico Sanitária), dos Centros de Saúde da Família, de hospitais, IML e da Divisão de Saúde da Mulher, Criança e Adolescente (da Secretaria Municipal), as vítimas têm o direito de receber um amplo apoio do serviço público de saúde.

Além dos endereços de atendimento, o material da Rede traz os principais direitos e procedimentos em caso de agressão: o que deve ser feito quando há violência sexual e física, onde buscar atendimento imediato e como deve ser o atendimento público adequado às vítimas. Há um destaque para quais são os tipos de violência, ressaltando que eles não estão restritos à violência sexual e física, mas tam-

bém ligados à negligência e à violência psicológica.

A questão da responsabilização do agressor é igualmente importante para cessar o problema. A cartilha da Rede disponibiliza os canais onde a vítima vai encontrar ajuda. Mas Maria José salienta que essa responsabilização muitas vezes fica prejudicada justamente por causa do tipo de penalidade a que está sujeito o agressor. Para ela, “a pena alternativa é danosa à vítima”. Por isso, é preciso uma articulação nacional para alterar essa penalidade.

## Uma Rede Nacional

A Rede de Atenção de Goiânia não é uma mobilização isolada. Ela faz parte de um movimento embasado no Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-Juvenil, que surgiu com o Encontro de Articulação do Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-Juvenil, realizado em Natal (RN), no ano 2000, com a participação de mais de cem entidades de todo o País.

Segundo Maria José, essa movimentação nacional é importante, pois hoje esse tema de violência contra mulheres, crianças e adolescentes “faz parte da agenda do governo federal”. E é preciso aproveitar esse momento para convocar toda a sociedade a participar dessa luta, a fim de punir os responsáveis pela agressão e, ao mesmo tempo, garantir que a vítima não precise viver escondida, como se ela fosse a responsável pela agressão sofrida.

**E**sse atendimento, feito por mais de 30 instituições governamentais e não-governamentais, está dividido em sete áreas: Saúde; Saúde Mental; Assistência Social; Acompanhamento Jurídico; Responsabilização Criminal; Capacitação de Equipe e Suspeita de Gravidez.

De acordo com Maria José Ferreira Soares, coordenadora do Fórum Goiano pelo Fim da Violência e membro da executiva da Rede, a informação sobre esses equipamentos é fundamental para auxiliar no combate à violência. Além da população, as organizações que trabalham nesta área também precisam saber a quem recorrer e como agir quando estão face a face com um caso de agressão.



PARA ADQUIRIR A CARTILHA E O MAPA DE ATENDIMENTO, LIGUE PARA (062) 524-1532 OU MANDE UM E-MAIL PARA [saudegyn@terra.com.br](mailto:saudegyn@terra.com.br)

# Reflexões sobre mulheres encarceradas

LIDIANE FERREIRA GONÇALVES\*

Nos estudos de criminologia e até mesmo nos de sociologia criminal, encontramos a expressão “criminalidade feminina” quando o agente do crime é uma mulher. O que percebemos com isso é que alguns autores, mesmo os contemporâneos, são influenciados pelos criminologistas do século XIX. Para eles havia uma “natureza feminina”, dada à sensibilidade e a fragilidade, deixando de lado os fenômenos sociais e suas especificidades em relação à mulher. Isso porque cabem à mulher as atividades domésticas que a mantém junto a casa e aos filhos, longe dos conflitos sociais da vida pública aos quais o homem deve constante luta e agressividade.

Naquele momento a criminologia quase não discutia os crimes cometidos por mulheres, apenas Lombroso (1893) que trata as prostitutas como “criminosas natas”. Rosemary Almeida, que estudou a obra de Lombroso, afirma: “Para ele, essa tendência tem perfeito lugar na mulher prostituta, derivativo criminal das mulheres. A mulher normal, do ponto de vista de Lombroso, é um ser inferior, dada ao instinto e não à inteligência e, portanto, próxima dos selvagens, malvada por índole. A mulher criminosa é ainda mais inferior, porque tem analogia com a estrutura psíquica e física do delinqüente, ou seja, o criminoso nato que se aproxima do monstro pelos traços físicos de regressão da espécie. A mulher é semelhante ao criminoso nato e, embora menos propícia ao crime, também o comete, sendo desviantes as prostitutas e as criminosas”<sup>1</sup>.

A idéia de “crime feminino” está associada à sensibilidade, emotividade, debilidade física e não-participação no mundo social, argumento este ainda hoje utilizado nas defesas jurídicas. Dessa forma, a ação criminosa da mulher é facilmente ocultada na medida em que elas aparecem mais

como instigadoras e cúmplices do que como autoras e, sendo assim raramente aparecem nas estatísticas oficiais.

O que se verifica é que há peculiaridades nos crimes cometidos por tais mulheres, no entanto, essas diferenças se encontram nos fatores sociais e não nos fatores biológicos que diferenciam homens e mulheres. Como afirma Perucci: “[...] não é a condição biológica de ser mulher que produz diferenciações essenciais em relação ao crime, porém, antes, são as condições sociais a que estão submetidas às mulheres que geram essas diferenciações”<sup>2</sup>. Portanto é

preciso verificar os elementos que nos remetem à condição da mulher na sociedade, considerando principalmente os fatores de ordem sócio-econômico-cultural que, muitas vezes, são minimizados ou simplesmente ignorados.

**INFELIZMENTE CONTINUA VALENDO AQUELE DITO POPULAR: “CADEIA NO BRASIL É PARA PRETO, POBRE E PROSTITUTA! RESTA-NOS QUESTIONAR SE QUEREMOS CONTINUAR COM ESTA SEGREGAÇÃO RACIAL E SOCIAL? SE A RESPOSTA FOR NEGATIVA, FAÇA LOGO A SUA PARTE NA CONSTRUÇÃO DE UM PAÍS MAIS JUSTO E IGUALITÁRIO.**

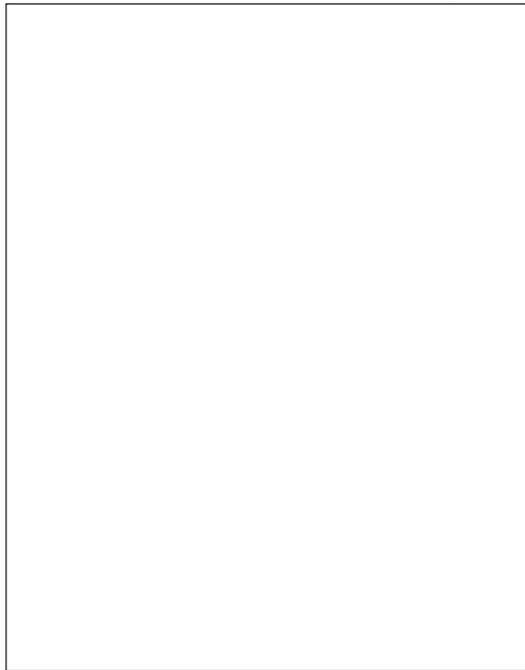
Interessa-nos a condição da mulher encarcerada no Brasil, especialmente em Goiás, tomando-se a Penitenciária Odenir Guimarães como espaço limite. Os dados surpreendem qualquer um que se propõe a estudar a criminalidade. As mulheres que se encontravam presas no dia 23 de julho deste ano, sob regime fechado nesta penitenciária, são, em sua maioria, mulheres cujo perfil se condensa em: jovem, pobre, migrante, mãe solteira e que se envolveu

com o tráfico de drogas, seja como usuária seja como comerciante. Das 48 mulheres presas, 32 detentas têm origem em outro estado ou no interior de Goiás.

Quanto à idade, verifica-se que as prisões foram efetuadas em maior proporção entre 18 a 36 anos idade. Segundo pesquisa divulgada no site<sup>3</sup> da Agência Prisional do Estado de Goiás, 40,18% dos detentos da Penitenciária Odenir Guimarães possuem 18 e 19 anos, sendo que ao elevarmos a idade para 29 anos este índice sobe para 79,74%. Esse dado é extremamente significativo e preocupante, apontando para a carência de políticas públicas de emprego para a juventude. Aqui vale pontuar que a referida pesquisa, de forma absurda e indiscriminada, não faz recorte de gênero, nem sequer de sexo como eixo de análise estatística.

Outro dado é o de que, das 48 detentas, 35 são mães e duas se encontravam grávidas quando da prisão, segundo consta nos prontuários. E mais, 27 das encarceradas em Goiânia são solteiras. Considerando que a maioria é mãe solteira, resta questionar: a gravidez foi planejada? Essas mulheres conhecem e utilizam algum método contraceptivo e de prevenção de doenças? Com quem estão estas crianças e em que condições vivem enquanto suas mães estão presas?

O Grito, 1893, Edvard Munch (1863 - 1944)



Das 48 detentas, 39 declararam ter algum vício em seus prontuários, sendo o mais comum o tabagismo. Vê-se também que das 31 condenações por tráfico de drogas, 48,3% não declaram vício em drogas ilícitas. Confirmando as estatísticas nacionais de crimes cometidos por mulheres, o tráfico de drogas se encontra em 1º lugar, com 50,8% das condenações; seguido do uso de drogas, o furto e roubo com o uso de arma, com 11,47 % cada.

Segundo demonstram os prontuários, as mulheres presas em Goiânia são pobres, muitas em condições miseráveis. Não há presas com melhores condições de renda e trabalho provavelmente porque o crime está diretamente relacionado com a pobreza, não que mulheres com melhores condições econômicas não cometam crimes. Também cometem, mas essas podem contar com o acompanhamento de advogadas/os particulares durante todo o processo e com defesas mais eficientes, podendo se beneficiar de artifícios legais como atenuantes, redução de pena, mudança de regime, etc.

Infelizmente continua valendo aquele dito popular: “Cadeia no Brasil é para preto, pobre e prostituta”. Resta-nos questionar se queremos continuar com esta segregação racial e social? Se a resposta for negativa, faça logo a sua parte na construção de um país mais justo e igualitário. Não tenho dúvidas de que este é um chamado político e um compromisso de todas/os nós.



Órgão Informativo do Grupo Transas do Corpo

Av. Antônio Fidélis, Qd. 158, Lt. 04, Pq. Amazônia  
Goiânia-Goiás-Brasil - 74.840-090  
Tel.: 55 (62) 248-2365 / Telefax: (62) 248-1484  
fazendogenero@transasdocorpo.com.br

[www.transasdocorpo.com.br](http://www.transasdocorpo.com.br)

#### Apoio:

- Fundação MacArthur
- Fundação Ford
- International Women's Health Coalition
- Coordenação Nacional DST/AIDS/Ministério da Saúde/UNESCO

#### Conselho editorial:

Érica Melo, Pedro Plaza Pinto, Priscila Marília Martins e Wilza Vilela

**Editoria:** Elaine Aguilera, Eliane

Gonçalves e Joana Plaza Pinto

**Redação:** Elaine Aguilera

**Revisão:** Elaine Aguilera e

Joana Plaza Pinto

**Colaboração:** Ana Paula Maluf e

Lidiane F. Gonçalves

**Editoração:** Carla de Abreu (62-223.0566)

As opiniões presentes nas entrevistas ou nos artigos publicados são de responsabilidade de suas autoras e autores.

\*Feminista, formanda em Direito pela UCG e graduanda de Ciência Sociais pela UFG, articuladora política do Grupo Transas do Corpo.

1. ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. Mulheres que matam: universo imaginário do crime feminino. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ UFRJ, Núcleo de Antropologia da Política, 2001. P.75

2. PERUCCI, Maud Fragoso de Albuquerque. Mulheres encarceradas. São Paulo: Global, 1983. P. 16.

3. [www.agenciaprisional.goias.gov.br](http://www.agenciaprisional.goias.gov.br)

# Mulheres e adolescentes em tempos de

**D**esde o final da década de 80, o 1º de dezembro é o Dia Mundial de Luta Contra a Aids. Agora, em 2003, esse dia é novamente lembrado e mais uma vez o que marca a data são os últimos números apurados pelas Organizações das Nações Unidas mostrando que as mulheres e os jovens são os dois grupos nos quais mais cresce a vulnerabilidade ao HIV em todo mundo.

Muito se fala sobre o motivo deste crescimento. Enquanto a Aids estava restrita a guetos, ela era considerada apenas como uma doença maldita, fruto de “desvios sexuais”. Mas como a sociedade lida com os números atuais que mostram a crescente taxa de mulheres casadas, monogâmicas, infectadas pelo HIV? Segundo números do Programa Nacional de DST e Aids do governo brasileiro, a razão de casos entre homens e mulheres variou de 6,5 casos entre homens para cada caso entre mulheres (em média) no período de 1980-1990 para 2.0:1 em 1999, 1.8:1 em 2000 e 1.7: 1 em 2001.

Enquanto isso, na faixa etária de 13 a 19 anos a razão de casos entre homens e mulheres apresenta, ainda de acordo com esses dados, sinais de inversão entre 1998 e 2001 (0.9:1, 0.9:1, 0.8:1 e 0,6:1, respectivamente). Segundo o Fundo de População das Nações Unidas, garotos e garotas representam seis mil novos casos diários em todo o mundo.

O problema não tem uma única origem, ele parte de diversas realidades. Em relação às mulheres, fica evidente o pequeno poder de negociação na hora de exigir de seus parceiros o uso do preservativo. Há ainda, conforme aponta o próprio Fundo das Nações Unidas, as razões de gênero, os fatores culturais e, principalmente, uma ligação íntima entre HIV e mulheres de baixa renda. Sem deixar de falar na questão religiosa, com a posição conservadora das igrejas que se utilizam de vários artifícios para condenar o uso do preservativo. A Igreja Católica chegou, inclusive, a contestar, em um comunicado divulgado pelo Vaticano em outubro, a eficácia da camisinha como barreira à transmissão do HIV.

## Uma pergunta no ar

As campanhas estão na televisão o tempo inteiro, o programa brasileiro de combate à Aids é referência em todo o mundo, mas as taxas de infectadas/os ainda aumentam. O que fazer então?

Uma das formas de trabalhar melhor com esses dois segmentos, mulheres e adolescentes, é estar mais próximo deles. O Grupo Transas do Corpo vem fazendo justamente isso, especialmente nos projetos Transas Adolescentes e no Capacitando e Fortalecendo Lideranças Femininas para o Enfrentamento das DST/Aids.

No Capacitando, que teve sua primeira edição em 2002 e continuou neste ano com o curso Fortalecendo, a intenção é preparar de maneira aprofundada as lideranças femininas multiplicadoras para atuar mais qualificadamente no movimento

de luta contra a AIDS e nas instâncias de controle social, por meio da ampliação de informações, construção de habilidades e mudanças de atitudes, para contribuir com a redução da incidência do HIV/AIDS e outras DST na população feminina.

A maior vantagem desse programa é trabalhar com lideranças que têm um contato mais direto com a população, principalmente de baixa renda. Dessa maneira, consegue-se uma interlocutora que fala a mesma língua do seu público. É um contato mais estreito. No Fortalecendo, que aconteceu em duas etapas, uma no mês de agosto e outra em outubro, as mulheres puderam discutir desde o atendimento no SUS, até planos de ação de suas instituições, além de ter oficinas sobre como deve ser feito o contato com a mídia.

O segundo projeto é o Transas Adolescentes. Nele, as garotas e garotos têm um contato direto e sem preconceitos com o assunto sexualidade. Isso permite que elas/es discutam de forma aberta o que normalmente não teriam coragem de falar em casa.

A participação das/os adolescentes é intensa. Algumas das questões que já apareceram nos cursos foram sobre como se dá a transmissão, quais os cuidados para evitar o contágio, que instituições tratam portadoras/es da doença, quais são os sintomas de quem tem HIV, como se proteger, etc.

Assim como acontece no curso ministrado para as lideranças femininas, aqui também há uma grande preocupação em mostrar para as garotas que elas precisam se posicionar perante seus parceiros, negociando sempre o uso do preservativo. É uma maneira de criar uma geração de meninas que não esteja vinculada à velha cultura de que a mulher que pede o uso de camisinha é promíscua ou infiel.

Fortalecer mulheres e adolescentes por meio de informação qualificada significa mudar uma situação que atualmente tem nesses dois grupos suas maiores vítimas. Até hoje a Aids deixou pelo menos 13 milhões de crianças órfãs no mundo. A previsão para o futuro ainda é sombria. Segundo o Fundo de População, esse número deve dobrar até

2010. Hoje, jovens de 15 a 24 anos já representam 50% dos novos casos de infectadas/os no mundo inteiro. Só na América Latina e Caribe estima-se que quase 600 mil jovens tenham o HIV.

Olhando quadros como esses não dá para pensar que a Aids é um problema já resolvido. É preciso estar atenta/o e fortalecer os grupos vulneráveis para que a informação e a disponibilização de preservativos possibilitem que eles deixem de ser alvo de uma doença que infelizmente ainda não tem cura.





## Violência e raça nas discussões do Transas

Com o apoio da Red de Salud de las Mujeres Latinoamericanas y del Caribe (RSMLAC) e do Cine Lumière, o Grupo Transas vai realizar no dia 8 de novembro o debate "Corporalidade e Espaço", com Pedro Plaza e Eliane Gonçalves, após a exibição do filme "Um céu de estrelas", de Tata Amaral, às 14h. Outro evento de novembro, dia 19 às 16h, é a oficina "Raça, Corpo e Espiritualidade" com Sônia Cleide Ferreira e Oraidia Maria de Abreu, coordenadoras do Grupo de Mulheres Negras Malunga.

## I Encontro Internacional de Publicações Feministas

Está chegando a hora. As editoras de publicações feministas brasileiras e estrangeiras vão realizar um encontro histórico entre os dias 26 e 28 de novembro, em Florianópolis, Santa Catarina. A equipe do Transas será representada por Joana Plaza Pinto, coordenadora de Comunicação, e Ana Paula Maluf, coordenadora do Centro de Estudos e Informação. Para mais informações, consulte o site [www.encontrodepublicacoes.ufsc.br](http://www.encontrodepublicacoes.ufsc.br).



## Aborto em pauta

O Grupo Transas do Corpo participou da campanha 28 de Setembro – Dia de luta pela descriminalização do aborto na América Latina e Caribe realizando o seminário "Direito ao aborto: uma questão de justiça social". O evento teve como palestrantes representantes das Católicas pelo Direito de Decidir, ANIS, Ministério Público de Goiás e Distrito Federal, Rede Saúde, Fórum Goiano de Mulheres e Universidade Católica de Goiás. Veja a cobertura completa no site do Transas: [www.transasdocorpo.com.br](http://www.transasdocorpo.com.br)

## Uma sala de aula diferente

As atividades voltadas ao público adolescente estão a todo vapor neste segundo semestre. As/os alunas/os das escolas municipais continuam participando do projeto Transas Adolescentes, onde falam sobre sexualidade, gênero, inclusão digital, etc. Enquanto isso, as/os estudantes dos colégios estaduais têm a oportunidade de participar do "Entre Linhas: Para ler e escrever sobre sexo, prazer e poder", uma parceria do Grupo Transas com o Programa GRAL/Fundação Carlos Chagas/SOS Corpo.

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO

O Grupo Transas do Corpo convoca sócias/os e conselheiras/os para a Assembleia Geral Ordinária a ser realizada no dia 28 de Novembro de 2003, em sua sede, sito à Av. Antonio Fidelis, nº 1811, Qd. 158, Lt 04 – Pq Amazônia - Goiânia – GO, às 14h, em primeira convocação, com 50% das/os sócias/os efetivas(os), e às 14h30, em segunda e última convocação, com qualquer número de presentes, a fim de deliberar sobre as seguintes questões:

- apreciação e aprovação do balanço anual e demais relatórios financeiros do exercício anterior;
- apreciação e aprovação do plano anual de trabalho e orçamento para o próximo ano;
- deliberação sobre alterações no Estatuto Social, de acordo com o novo Código Civil;
- deliberação sobre admissão e/ou destituição de sócias(os) e conselheiras(os).

Goiânia, 20/10/03

Ana Maria Costa  
Joselene Vieira dos Santos  
Marja Claudia H. da Silva e Souza  
Conselho Diretor do Grupo Transas do Corpo

# E que a minha loucura seja perdoada...

RESENHA DO LIVRO: DERRIDA, JACQUES; FOUCAULT, MICHEL. TRÊS TEMPOS SOBRE A HISTÓRIA DA LOUCURA. MARIA CRISTINA FRANCO FERRAZ (ORG.). RIO DE JANEIRO: RELUME DUMARÁ, 2001. 151P. (CONEXÕES, 13).

ANA PAULA MALUF\*

Com dois textos de Jacques Derrida e um de Michel Foucault, em Três Tempos sobre a História da Loucura, a História da Loucura, livro escrito por Foucault é posto em debate. O primeiro texto de Derrida, "Cogito e História da Loucura", reproduz uma conferência proferida pelo mesmo em março de 1963, criticando Foucault por haver constituído o Cogito de Descartes em estrutura.

Marcado pelo peso do discípulo que critica o mestre, Derrida não poupa Foucault por uma suposta opção estruturalista, consagrando neste livro de 673p. três páginas (54-57) a um certo trecho da primeira das Meditações de Descartes, onde a loucura, a extravagância, a demência, a insanidade parecem banidas, excluídas, voltadas ao ostracismo, fora do círculo de dignidade filosófica privadas da

'carta da cidadania' filosófica, revogadas. Tão logo consagradas por Descartes diante do tribunal, diante da última instância do Cogito que, por essência, não 'teria como ser louco'.

Derrida afirma que Michel Foucault nos ensina a pensar que existem crises de razão estranhamente cúmplices daquilo que o mundo chama de crises de loucura; fazendo dela não somente uma coisa do corpo, mas um erro do corpo, ocupando-se da loucura apenas como uma modificação da idéia, da representação ou do juízo.

O segundo texto, "Resposta a Derrida", de Michel Foucault, como diz o título, responde que é inútil discutir um livro de 673p. retomando o seu sentido nas três páginas, as únicas que são dedicadas à análise de um texto reconhecido pela tradi-

ção filosófica. Foucault justifica que o que quis mostrar em seu livro é que a filosofia não é nem histórica e nem fundadora de conhecimento, mas que existem, condições e regras de formação ao saber às quais o discurso encontra-se submetido a cada época.

A sistematização dessas formas de discurso não é da ordem nem de um pensamento radical esquecido, recoberto, desviado dele próprio, nem de um consciente freudiano, mas de um inconsciente do saber que tem suas formas e suas regras específicas.

No terceiro texto, "Fazer justiça a Freud – A história da Loucura – 30 anos depois", pronunciado por Derrida no seminário A História da Loucura – 30 anos depois, em novembro de 1991, ele retoma do ontem (1961) o debate de hoje (1991) sobre a possibilidade de uma história da loucura, percorrendo a abordagem feita por Foucault sobre o

legado deixado por Freud e pela psicanálise na sua constituição.

Ele diz que o livro História da Loucura tem e não tem, como a história da loucura, a idade da psicanálise freudiana; sendo que na história da doença mental, Freud aparece como aquele que primeiro reabriu para a desrazão a possibilidade de se comunicar. No risco de uma linguagem comum, sempre prestes a se romper e a mergulhar no inacessível; chegando a ele elogios como facadas, como a injunção secular de ter de conhecer o sexo e colocá-lo em questão. Esses são os nossos filósofos... "E que a minha loucura seja perdoada..."

\*Bibliotecária, coordenadora do CEI, Centro de Estudos e Informação do Grupo Transas do Corpo e integrante da equipe do projeto Transas Adolescentes